

66

O jornalismo político-ideológico de Otto Karpfen**Mauro Souza Ventura**

Análise interpretativa dos textos inéditos publicados por Otto Maria Carpeaux (então Otto Karpfen) no semanário *Der Christliche Ständestaat*, de Viena. O conjunto dos artigos é parte de uma pesquisa mais ampla sobre os ensaios europeus de Carpeaux, publicados entre 1934 e 1936. Os artigos são analisados a partir das relações entre o ambiente político e sociocultural da Áustria na década de 1930, marcado pela ascensão do nacional-socialismo de Hitler, e o significado ideológico da atuação jornalística de Karpfen, tendo em vista seu engajamento na luta pela independência da Áustria frente ao Terceiro Reich, a partir de sua filiação ao catolicismo político.

The article analyzes the texts published by Otto Maria Carpeaux (then Otto Karpfen) in the Viennese weekly *Der Christliche Ständestaat*. The set of articles is part of a broader research on Carpeaux's European essays published between 1934 and 1936. The articles are analyzed from the perspective of the relations between the political and sociocultural environment of Austria in the 1930s, marked by the rise of Hitler's National Socialism, and the ideological significance of Karpfen's journalistic work, taking into consideration his engagement in the struggle for the independence of Austria from the Third Reich based on his affiliation with political Catholicism.

DOI 10.11606/issn.2447-8997.teresa.2020.153461

O JORNALISMO POLÍTICO- IDEOLÓGICO DE OTTO KARPPFEN



MAURO
SOUZA
VENTURA

“Lutamos contra o Bolchevismo em outra dimensão. Como católicos e austríacos, não estamos nem a favor dos capitalistas, nem tampouco dos nacional-socialistas. Buscamos uma posição alternativa: Hitler ou Stalin? *Schuschnigg!*, respondemos com convicção.”¹

Otto Karpfen, “Antibolchevismo autêntico e falso”

Os artigos de Otto Karpfen publicados no semanário vienense *Der Christliche Ständestaat* caracterizam-se por sua proximidade com o catolicismo político, em conexão com o contexto histórico da crise austríaca dos anos de 1930. Tal fato deve ser tomado como um indicador do grau de inquietação e de engajamento que o então jovem jornalista mantinha diante dos desafios daquele momento em seu país.

Além disso, esses artigos ocupam posição central no conjunto de seus escritos europeus. Otto Karpfen publicou um total de catorze textos (onze artigos e três resenhas breves) neste jornal, entre 01 de julho de 1934 e 21 de fevereiro de 1937. Todos, em maior ou menor grau, abordam temas ligados ao contexto político austríaco. Os títulos, aliás, não deixam dúvida sobre o enfoque dos textos: catolicismo político, *Sacrum Imperium*, nacional-socialismo, papel do Estado austríaco, messianismo, nova Áustria, Terceiro Reich, antissemitismo e questão judaica.

A decisão de abandonar o judaísmo, registrada formalmente no Israelitische Kultusgemeinde, de Viena, está baseada em sua firme convicção quanto ao papel histórico desempenhado pela religião cristã (um papel público, repetirá ele várias vezes), ou melhor, pela Igreja de Roma.² Esta é a motivação de sua conversão ao catolicismo, ocorrido

¹ “*Echter und falscher Antibolschewismus*”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 12 jul. 1936. A tradução deste e dos demais trechos de Otto Karpfen são de Mauro Souza Ventura, com exceção dos excertos referentes aos artigos “Catolicismo político e Ação Católica” e “*Sacrum Imperium*”, traduzidos por Mariana Holms, com assistência do autor, e disponibilizados em sua forma integral nos anexos. Este artigo é parte de uma pesquisa que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

² Entrevista de Wolf-Erich Eckstein ao autor, realizada em 2011, durante viagem de pesquisa, no Israelitische Kultusgemeinde, em Viena, Áustria.

provavelmente no início da década de 1930, pois o “Maria” já aparece incorporado ao seu nome quando da publicação de seu livro sobre teologia *Wege nach Rom* (Caminhos para Roma), em 1934.

Tal convicção está amparada na noção de Romanitas, apresentada em seu pequeno livro sobre a missão europeia da Áustria na Europa, que é, por assim dizer, uma extensão e um aprofundamento dos artigos publicados em *Der Christliche Ständestaat*.

Romanitas significa estar sob os auspícios da Igreja Católica Romana, pertencendo ao seu círculo religioso e cultural, juntamente com os povos latinos e não latinos, como os alemães do Sul, os irlandeses, os poloneses, os eslavos ocidentais e também os austríacos alemães.³

Este círculo religioso e cultural ao qual a Áustria pertencia, denominado por Karpfen de *Imperium Romanum*, explica não apenas sua conversão ao catolicismo, mas sobretudo a visão de mundo na qual ele se incluía, ao defender ardorosamente a religião de Roma em oposição à heresia da Reforma protestante.

Assim, a Áustria é, com muito orgulho, um corpo que atua vivamente no organismo da Romanitas. Sim, nós austríacos vivemos no Império Romano. Todavia, não apenas no campo das relações culturais latinas, mas também no âmbito de nossa sagrada fé romano-católica. A Áustria é um representante do pensamento do Sacro Império, defensora da eterna *Reichsidee*, que tem seu Estado principal em Roma, contra o *Gegenreich* herético-protestante dos reis da Prússia e seu epígono nacional-socialista.⁴

Um dos elementos presentes nos artigos sobre política de Otto Karpfen é a ideia de Sacro Império, enquanto entidade política e religiosa que congrega a Cristandade. Ao mesmo tempo, a ideia de Reich é vista por ele como uma instituição política supranacional, em oposição ao moderno

3 “Romanitas, das ist der unter den Auspizien der römisch-katholischen Kirche religiös und kulturell geeinigte Erdkreis, in dem neben den Lateinern auch nichtlateinische Völker, wie die Süddeutschen, die Iren, die Polen, die Westslawen, ihren Platz haben, und unter ihnen auch die deutschen Österreicher.” KARPFFEN, Otto. *Österreichs europäische Sendung. Ein außenpolitischer Überblick*. Viena: Reinhold-Verlag, 1935, p. 38.

4 “So ist Österreich ein wichtiges, lebendig mitwirkendes Glied an dem Organismus der Romanitas. Ja, wir Österreicher leben im Imperium Romanum. Freilich nicht nur aus Gründen unserer lateinischen Kulturbeziehungen, sondern auch aus Gründen unseres heiligen römisch-katholischen Glaubens. Österreich ist Träger des Gedankens vom Sacrum Imperium, Verteidiger der ewigen Reichsidee, die in Rom ihre Hauptstadt hat, gegen das häretisch-protestantische Gegenreich des Königs von Preußen und seiner nationalsozialistischen Epigonen.” Ibidem.

conceito de Estado nacional, cujos principais representantes na Europa do século 19 eram a Prússia e a Alemanha. A passagem acima também deixa evidente a posição de Karpfen em relação ao nacional-socialismo, considerado pelo crítico como um desvio desta concepção supranacional de Estado, na medida em que se ligava à ideia de Grande Alemanha. Fica evidente, portanto, a rejeição de Otto Karpfen a Hitler e a toda e qualquer ideia de pangermanismo, visto que contrariava o princípio de independência da Áustria e o laço histórico com a Igreja de Roma.

“Sacro Império” é, aliás, o título do artigo publicado por Otto Karpfen em agosto de 1934 em *Der Christliche Ständestaat*.⁵ Neste texto, o autor procura situar a discussão sobre a essência do nacional-socialismo a partir de uma perspectiva religiosa. Assim, o NS será caracterizado como o ponto de confluência de todas as heresias de sua época. Escreve Otto Karpfen:

A pergunta sobre a essência do nacional-socialismo tem recebido, na maioria das vezes, respostas de cunho político, histórico e sociológico. [...] E, além do mais, será suficiente caracterizar o nacional-socialismo como uma heresia e, por extensão, este movimento, como sendo o ponto de convergência das heresias de todos os tempos, sintetizado na pessoa de um homem?⁶

O trecho seguinte chama atenção por referir-se, ainda que não explicitamente, à figura de Hitler que, segundo Karpfen, se autodeclara o fundador de uma igreja e o salvador do mundo:

Quem é este homem? Eles colocam sua imagem em altares, comparam-no com o fundador da sua igreja, até com o salvador do mundo. Eles o tomam pelo Messias. Do seu Messias, eles esperam consequentemente o Reino de Deus na Terra, o Paraíso. E porque ele lhes prometeu o Paraíso, o seguem.⁷

5 KARPFFEN, Otto. “Sacrum Imperium”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 20 ago. 1934, pp. 15-16.

6 “Die Frage nach dem Wesen des Nationalsozialismus ist politisch, historisch, soziologisch oft genug gestellt und beantwortet worden. Darf uns, die wir an einen religiösen Sinn in der Geschichte glauben, eine positivistische Antwort genügen? Und weiter, ist die Kennzeichnung des Nationalsozialismus als seiner Häresie schon genügend, um die Ausweitung dieser Bewegung zum Sammelbecken aller Häresien des Zeitalters, um ihre Verdichtung in der Person eines Mannes zu erklären?” Ibidem, p. 15.

7 “Wer ist dieser Mann? Sie stellen sein Bild auf Altäre, sie vergleichen ihn mit dem Stifter ihrer Kirche, ja mit dem Erlöser der Welt. Sie halten ihn für den Messias. Von ihrem Messias erwarten sie folgerichtig das Reich Gottes auf Erden, das Paradies. Und weil er ihnen das Paradies versprochen hat, folgen sie ihm nach.” Ibidem.

Quanto ao significado do nacional-socialismo, Karpfen classifica-o como um “movimento messiânico”, para, em seguida, afirmar que existem crenças messiânicas legítimas e ilegítimas. “Esta uma chama-se *Utopia*, a outra se chama *Apocalipse*”, escreve.⁸

Ele prossegue caracterizando os messianismos, sejam eles utópicos ou apocalípticos, para concluir que o pensamento que inspira a ideia de Terceiro Reich tem exercido, desde o século XIII, e, por influência do historiador e teórico do Estado Möeller van den Bruck, “exercendo sua atração mágica sobre os hereges de todos os tempos e povos”.⁹ Observa-se nesse trecho uma interpretação do nazismo como sendo a expressão de um falso messianismo, uma manifestação do anticristo, o que nos permite concluir que se trata de uma crítica ao nacional-socialismo feita a partir de uma matriz judaico-cristã. E, mais adiante, ele diz: “A ideia do Terceiro Reich é a sombra do Anticristo”.¹⁰ O que podemos fazer?, pergunta Karpfen, para responder em seguida: não podemos descansar. Ele exorta o leitor a lembrar da figura de Joana d’Arc, cujo exemplo remete aos ensinamentos da Igreja e aos fundamentos do cristianismo, e é por ele chamada a “santa da Ação Católica” (*die Heilige der Katholischen Aktion*).¹¹

Deste modo, tratava-se de lutar contra a tentativa de dessacralizar aquilo que necessitava, pela ótica de Karpfen, permanecer sagrado, ou seja, o pensamento do *Sacrum Imperium*, ou o ideal do sagrado Reich, que corria o risco de ser confundido com o estado autoritário do nacional-socialismo, “parodisticamente chamado de Reich”.¹²

Ao explicar os objetivos e a missão da Ação Católica na Áustria, Karpfen relembra que este ideal sagrado do Reich não se limitava às fronteiras de seu país, visto que era uma herança dos povos católicos alemães. Por isso os austríacos deveriam empunhar a bandeira desta causa para além das fronteiras da Áustria:

Como austríacos, devemos empunhar, além de nossas fronteiras, a bandeira que caiu das mãos dos cansados defensores da verdadeira ideia do Reino.

8 “Der Nationalsozialismus ist oft schon eine messianische Bewegung genannt worden. [...] Es gibt einen legitimen und einen illegitimen messianischen Glauben. Der eine heißt Utopie, der andere heißt Apokalypse.” Ibidem.

9 Ibidem.

10 Ibidem.

11 Ibidem.

12 “Als Katholiken müssen wir uns fest machen gegen die Versuchung, den heiligen Gedanken des Reiches zu entsakralisieren und das Sacrum Imperium mit einem despotischen Gewaltstaat zu verwechseln, der sich parodistisch ‘Reich’ nennt.” Ibidem.

Pois, até o nosso tempo, a verdadeira ideia do Reino não havia se restringido à Áustria. Ela vive, como herança santa, no povo católico alemão.¹³

Em sua juventude, Otto Karpfen vivenciou todo este processo de revitalização do catolicismo político ocorrido na Áustria da virada do século, a ponto de se tornar um judeu convertido. É nesse contexto que devem ser inseridos e compreendidos tanto seus artigos para *Der Christliche Ständestaat* quanto seu livro *Österreichs europäische Sendung* (A missão europeia da Áustria), publicado em 1935.

ARTIGOS DE OTTO KARPfen EM *DER CHRISTLICHE STÄNDESTAAT*

| TÍTULO | PUBLICAÇÃO | ASSINATURA |
|--|-------------|------------------------|
| Politischer Katholizismus und Katholische Aktion. | 01/07/1934 | Dr. Otto Maria Fidelis |
| Und jetzt: Konservative Revolution? | 29/07/1934 | Dr. Otto Maria Fidelis |
| Sacrum imperium | 26/08/1934 | Dr. M. Fidelis |
| Zweimal ‘dermalen’ | 26/08/1934 | O.M.F. |
| Ist Österreich ein Totaler Staat? | 16/09/1934 | Dr. Otto Maria Fidelis |
| Ende und Glück des politischen Katholizismus | 10/02/1935 | Dr. Otto Maria Fidelis |
| Traum und Wirklichkeit | 24/02/1935 | Dr. Otto Maria Fidelis |
| Italien und der österreichische Gedanke. Zur Einweihung des italienischen Kulturinstitutes in Wien | 24/03/1935 | Dr. Otto Maria Karpfen |
| Bücher aus dem Phaidon-Verlag | 11/08/1935 | O.M.F. |
| Unordnung in der Judenfrage | 26/04/1936 | Dr. Otto Maria Karpfen |
| Echter und falscher Antibolschewismus | 12/07/1936 | Dr. Otto Maria Fidelis |
| Geisteswissenschaft oder Paranoia? | 19/07/1936. | Dr. Otto Maria Fidelis |
| Dogmen und “Dogmen” | 04/10/1936 | Dr. Otto Maria Fidelis |
| Die Frage aller Fragen (Neue Leben-Jesus-Literatur) | 21/02/1937 | Dr. Otto Maria Fidelis |

¹³ “Als Österreicher müssen wir die Fahne ergreifen, die den müden Verteidigern des wahren Reichsgedankens jenseits unserer Grenzen entglitt. Denn der wahre Reichsgedanke war bis zu unserer Zeit nicht auf Österreich beschränkt. Er lebt als heiliges Erbgut im deutschen katholischen Volke.” Ibidem.

Em fevereiro de 1934 ocorreram intensas manifestações de trabalhadores em Viena, que culminaram com uma greve geral decretada pelo Partido Social-democrata. Esses acontecimentos mergulharam o país e, em especial, a capital Viena, em uma declarada guerra civil que durou alguns dias. Foi o pretexto para Dollfuss dissolver o parlamento e a atuação dos partidos políticos, com exceção do seu próprio, a *Vaterlandische Front*.

O cenário político de então mostrava-se bastante complexo, visto que Dollfuss mantinha-se determinado a lutar, ao mesmo tempo, contra o nacional-socialismo e a democracia parlamentar, da qual ele começou a se afastar em setembro de 1933. Como forma de pôr fim à crise, Dollfuss convocou o parlamento para instituir o Estado Corporativo Cristão. Dez meses depois, no auge da crise política na capital austríaca, houve uma tentativa frustrada de golpe de estado protagonizada por um grupo de nazistas austríacos que, disfarçados de policiais, invadiram o prédio da chancelaria para tomar à força o poder, e que resultou no assassinato de Dollfuss, em 25 de julho de 1934.

Assim, o contexto imediato desses artigos é o ano de 1934, marcado por dramáticos acontecimentos políticos na Áustria, como a crise no governo Dollfuss que o levou a reprimir manifestações de trabalhadores em Viena e Linz e, por fim, a conspiração nazista que culminou com a morte do chanceler austríaco. Otto Karpfen refere-se explicitamente a esse episódio ao escrever que “a morte sacrificial do chanceler Dollfuss foi um sinal apocalíptico em uma época apocalíptica”. Em seguida, completa, em tom apologético: “Do sangue deste mártir brotará a semente do Reino de Deus, que nós temos que defender contra o Reino do Anticristo”.¹⁴

Os vínculos políticos e ideológicos entre Otto Karpfen e Engelbert Dollfuss são evidenciados não apenas por sua atuação no semanário austríaco, mas pelo tom veemente e apologético com que se refere ao chanceler austríaco que acabava de sofrer um atentado fatal.

UM SEMANÁRIO ENGAJADO

O jornal *Der Christliche Ständestaat* começou a circular em dezembro de 1933 e a última edição foi publicada em março de 1938. Seu diretor

¹⁴ “Der Opfertod des Bundeskanzlers Dollfuß war ein apokalyptisches Zeichen in einer apokalyptischen Zeit. Aus dem Blut dieses Märtyrers erwächst der Samen des Gottesreiches, das wir gegen das Reich des Antichristen zu verteidigen haben.” Ibidem.

era Dietrich von Hildebrand, Klaus Dohrn era o chefe de redação, e ambos eram alemães que emigraram para a Áustria durante o Terceiro Reich. Chegando em Viena, engajaram-se na luta contra a crescente influência do nacional-socialismo, a partir de um ponto de vista que considerava a Áustria como o único estado da Europa a ter uma posição de resistência ao nacional-socialismo baseado em um fundamento católico. De acordo com Rudolf Ebneth, tais ideias vinham ao encontro dos interesses do chanceler Engelbert Dollfuss, que apoiou e financiou o surgimento do veículo:

Ao lado de Hildebrand e Dohrn, outros emigrantes alemães também atuaram em *Der Christliche Ständestaat*. No entanto, em sua maioria, a equipe era formada por austríacos. O título do jornal inspirava-se no programa de governo de Dollfuss, que concebia o estado austríaco como uma instituição cristã e alemã. O posicionamento central do veículo estava, porém, na luta contra o nacional-socialismo.¹⁵

Der Christliche Ständestaat surge, portanto, como um jornal explicitamente alinhado com o governo do então chanceler Dollfuss. Ebneth destaca a posição de Hildebrand à frente de *Der Christliche Ständestaat*, principalmente no que se refere à sua compreensão quanto ao papel que a Áustria poderia exercer ao liderar um movimento de resistência ao nacional-socialismo. Nesse sentido, a visão que Otto Karpfen expressa em seus artigos para o jornal está intimamente ligada a essa concepção: “Os emigrantes Hildebrand e Dohrm insistiam em fundamentos católicos como forma de resistir ao nacional-socialismo e, com isso, buscavam garantir a particularidade e a independência da Áustria”.¹⁶

Com periodicidade semanal, o jornal possuía entre 22 e 24 páginas e, no aspecto editorial, dividia-se em três grandes seções: a primeira concentrava de quatro a oito artigos longos, com até cinco páginas;

¹⁵ “Neben Hildebrand und Dohrn wirkten beim ‘Christlichen Ständestaat’ weitere deutsche Emigranten, die überwiegende Mehrheit der Mitarbeiter wurde jedoch von Österreichern gebildet. Der Titel der Zeitschrift lehnte sich zwar an Dollfuß’ Staatsprogramm an, das die Errichtung des christlichen, deutschen, ständisch gegliederten Bundesstaates Österreich vorsah. Die Hauptzielsetzung des Blattes lag jedoch im Kampf gegen den Nationalsozialismus.” EBNETH, Rudolf. *Die österreichische Wochenschrift ‘Der Christliche Ständestaat’*. Mainz: Matthias-Grünwald Verlag, 1976, p. 2.

¹⁶ “Die Emigranten Hildebrand und Dohrn wollten aus einer betont katholischen Grundhaltung dem Nationalsozialismus Widerstand leisten und hierbei Österreichs Ringen und Eigenständigkeit und Unabhängigkeit unterstützen und für ihre Ziele benützen.” Ibidem, p. 15.

em seguida, vinha a seção *Blick in die Zeit*, com cerca de duas páginas, dedicada a assuntos de política interna e externa; e a terceira parte, intitulada *Notizen und Glossen*, de duas a três páginas, cobria assuntos especiais de política austríaca, como entrevistas com políticos importantes e ocorrências no Terceiro Reich, como leis e decretos, políticas da igreja católica, comunicados emitidos por autoridades do nacional-socialismo, e assuntos culturais da Áustria e da Alemanha.

Nesse espaço – *Notizen und Glossen* – também havia comentários sobre livros recém-lançados e sinopses de artigos publicados em órgãos de imprensa do país e do estrangeiro. Nesta editoria, não raro havia uma nota polêmica, motivada por algum artigo que gerava uma contenda ou réplica. No que se refere a assuntos ligados ao nacional-socialismo, com frequência eram reproduzidos trechos de outros jornais ou revistas.

Por fim, cabe ressaltar que, a partir da edição 33, de 18 de agosto de 1935, *Der Christliche Ständestaat* passa a publicar uma seção intitulada *Notizen vom deutschen Kulturkampf*, destinada a cobrir assuntos relacionados ao crescimento da influência e da pressão oriundas das forças de poder do nacional-socialismo contra os opositores desse regime político na Alemanha, assim como eram relatadas as pressões sofridas pela igreja católica e sua comunidade na Alemanha. Nesse sentido, cabe ressaltar que, como explica Ebner, o objetivo principal do jornal vienense era a luta contra o nacional-socialismo e o bolchevismo e a defesa da independência do país, em sintonia com o programa de governo do chanceler Dollfuss, que manifestava seu apoio ao projeto editorial de *Der Christliche Ständestaat*:

Assim, ao decidir-se pela luta determinada da Áustria contra o nacional-socialismo e o bolchevismo, o *Christliche Ständestaat* leva em consideração os valores da cultura ocidental cristã presentes no programa de governo de Dollfuss e o desejo dos austríacos por um Estado independente.¹⁷

Em 11 de julho de 1936, Áustria e Alemanha assinam um acordo amplo, que estreitava as relações entre os dois países e deixava a Áustria numa posição de dependência econômica em relação à Alemanha. Um

¹⁷ “Da Österreich sich zum Kampfe gegen Nationalsozialismus und Bolschewismus entschlossen habe und da die Werte christlich-abendländischer Kultur im Staatsprogramm Dollfuß’ Berücksichtigt würden, unterstützte der CS den österreichischen Staatsgedanken und Unabhängigkeitswillen.” Ibidem, p. 19.

dos efeitos desse acordo foram restrições à liberdade de imprensa. A partir de então, artigos com críticas explícitas ao nacional-socialismo deixaram de ser publicados em *Der Christliche Ständestaat*, visto que este acordo enfraqueceu consideravelmente a posição política da Áustria em relação ao Reich alemão, além de ter prejudicado enormemente o trabalho da imprensa austríaca a partir de então, principalmente daqueles veículos que publicavam opiniões contrárias ou com algum conteúdo crítico ao Terceiro Reich.

O CATOLICISMO POLÍTICO E A AÇÃO CATÓLICA

O projeto político do catolicismo e da Ação Católica encontrou na imprensa austríaca da época grande espaço de discussão, e os artigos de Otto Karpfen em *Der Christliche Ständestaat* inserem-se nesse contexto. Manifestação da religiosidade na vida pública, o catolicismo político em questão precisa ser compreendido como uma ação religiosa que se utiliza de meios políticos no contexto maior de um enfraquecimento das posições públicas da Igreja no mundo contemporâneo. Esta manifestação da religiosidade na política (*Erscheinungsform der Religiosität im Politischen*) surge, assim, em decorrência do processo de secularização do mundo moderno, que se consolida com a dissolução da unidade religiosa que havia até o período absolutista e, portanto, pré-revolucionário.

É nesse contexto, pois, que deve ser compreendida a atuação de Otto Karpfen em *Der Christliche Ständestaat*, assim como o próprio papel desempenhado pelo veículo, que era bem mais do que um jornal católico: era um veículo dirigido à intelectualidade católica, conforme explica Ebner: “A profissão de fé de *Christliche Ständestaat* no catolicismo político inclui um convite ao engajamento político de todos os católicos e está baseado na concepção de uma igreja e uma religião universais”.¹⁸

No artigo “Catolicismo político e Ação Católica”, publicado em 1934, Otto Karpfen deixa explícita sua concepção de Estado, assim como o significado da Ação Católica, cuja tarefa era auxiliar o Estado na condução da vida pública:

O Estado não deve ser demoníaco, mas ele pode se tornar. E aqui nos damos conta de que é justamente a nossa tarefa católica ajudar o

¹⁸ “Das Bekenntnis des CS zum politischen Katholizismus beinhaltete die Aufforderung zum politischen Engagement für alle Katholiken und stützte sich vornehmlich auf eine für Kirche und Religion postulierte Universalität.” Ibidem, p. 31.

Estado a se libertar dessa condição diabólica e a “instaurar em Cristo” a sua existência, recebida pela graça de Deus.¹⁹

Como se vê, tratava-se de auxiliar o Estado a libertar-se de sua existência “demoníaca” e, “com a graça de Deus”, propiciar sua “instauração em Cristo”. Mais adiante, Karpfen reitera a urgência desta missão, pois “o diabo, o inimigo ‘anda ao redor como um leão, rugindo e procurando a quem possa devorar’ (1Pd 5,8)”.²⁰

A Ação Católica, por sua vez, é definida por Karpfen como um instrumento da Igreja com a finalidade de ajudá-la na divulgação e na defesa das lições e dos fundamentos morais que regem tanto a vida privada quanto a vida pública. Diz ele:

A Ação Católica não deve ser um instrumento político e de modo algum deseja sê-lo. Ela é um instrumento que, com a ajuda da Igreja, que, aliás, não é apenas uma religião, mas um ensinamento de ordem moral, nos ajuda na interiorização daqueles princípios religiosos e morais que nos guiam na vida pública e na vida privada.²¹

Neste ponto, cabe perguntar sobre o significado da atuação do catolicismo político na Áustria daquele período. Diante do crescente recolhimento dos padres católicos da vida pública, observa-se um processo de laicização da atuação católica. Otto Karpfen era, ele próprio, um católico laico. Ocupou-se desta questão em artigo publicado em Viena em 10 de junho de 1934, em que faz uma resenha de obra que criticava justamente a situação da igreja católica naquele momento.²²

O autor do livro resenhado, Ignaz Zangerle, critica os católicos por terem se isolado da vida pública. Para Karpfen, a crítica não é justa, na medida em que o afastamento do clero da vida pública seria resultado de uma nova configuração do Estado, que agora era uma República. Ao mesmo tempo, ele reconhece a necessidade que os católicos – conscientes

19 “Der Staat muss nicht teuflisch sein, aber es kann es werden. Und wo wir solches bemerken, da ist es eben unsere katholische Aufgabe, dem Staat zu helfen, sich von diesem Teuflischen zu befreien und seine Existenz, die er von Gottes Gnaden empfangen hat, ‘in Christus einzurichten’.” KARPFFEN, Otto. “Politischer Katholizismus und katholische Aktion”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 01 jul. 1934, pp. 14-15.

20 Ibidem, p. 15.

21 “Die katholische Aktion ist kein politisches Instrument, soll und will es auch gar nicht sein. Sie ist ein Instrument, mit dessen Hilfe die Kirche, die nicht nur ein religiöses, sondern auch ein moralisches Lehramt verwaltet, ihre religiösen und moralischen Grundsätze in das private wie in das öffentliche Leben hineintragen Will.” Ibidem, p. 14.

22 KARPFFEN, Otto. “Um den Sinn der Katholischen Aktion”. *Berichte zur Kultur und Zeitgeschichte*, n. 208, Viena, 10 jun. 1934, pp. 640-644.

de sua responsabilidade junto à opinião pública – têm de deixar o isolamento. “A responsabilidade dos católicos no mundo deve ser a de abandonar o isolamento da Igreja”, escreve ele.²³

Interessa destacar, neste artigo, a visão de Otto Karpfen sobre a questão. No contexto do processo de secularização do mundo moderno, Karpfen relata o fenômeno da deseuropeização da igreja católica. Mais do que isso, ele constata um processo de desterritorialização da Igreja, que deixa de estar centralizada neste ou naquele país: “Não há mais países católicos ou povos católicos, e a Igreja passa a ter uma existência sem pátria”.²⁴ Além disso, “a Igreja se desterritorializa; ela assume a difícil feição da diáspora. E paga o preço de uma cada vez maior interiorização, contribuindo assim para o destino medíocre de seus numerosos convertidos”.²⁵

Apesar desse processo, Karpfen insiste para que os católicos de seu país abandonem o isolamento. Ele parece perceber que a Ação Católica necessita da atuação dos padres, num trabalho conjunto com os laicos. Para ele, no entanto, não se trata de uma retirada dos bispos e padres da vida pública, mas sim de assumir uma postura mais adequada ao momento político. Trata-se, pois, de criar as condições apropriadas para a consolidação de um Estado cristão.

Por fim, argumenta que a situação política na Áustria não pode ser compreendida em sua totalidade sem levar em conta o fenômeno do fascismo. Otto Karpfen refere-se, aqui, às crescentes pressões do nacional-socialismo sobre a Igreja, tanto na Áustria quanto na Alemanha: “Quando a gente olha para a evolução dos acontecimentos na Áustria, e para a sua roupagem teocrática, então, podemos concordar de coração”.²⁶ Ainda que a passagem seja um tanto quanto ambígua, não deixa dúvida sobre o alinhamento de Otto Karpfen com o catolicismo político.

O artigo “Destino e fim do catolicismo político” é, talvez, aquele em que Otto Karpfen mais se preocupa em explicitar as bases históricas de sua defesa do catolicismo político. Inicia referindo-se à decadência desta visão política na Europa Central que, após 1918, parece estar morta. Em

23 “Die Verantwortlichkeit für katholisches Wesen in der Welt aber muß die Kirche den ‘einzelnen’ überlassen.” Ibidem, p. 641.

24 “Es gibt keine ‘katholischen Länder’ und ‘katholischen Völker’ mehr, die Kirche löst sich, vom Boden los.” Ibidem.

25 “Die Kirche entterritorialisiert sich. Sie nimmt die schwierige Lebensform der Diaspora an, erkaufte aber um diesen Preis eine stets wachsende Verinnerlichung, zu der schicksalmäßig auch die zahlreichen Konvertiten beitragen.” Ibidem.

26 “Wenn man übersieht, dass die Entwicklung in Österreich einen Zug ins Theokratische trägt, den wir von Herzen zu bejahen haben.” Ibidem, p. 644.

países como Hungria, Tchecoslováquia, Bélgica, Holanda e Suíça, o enfraquecimento de partidos situados ao centro do espectro político ou mesmo ligados ao movimento social-cristão provoca uma decadência do catolicismo político. “O catolicismo político parece morto”, escreve.²⁷ A luta da igreja católica, explica, é uma luta para instaurar o reino de Deus, que não é deste mundo, é espiritual. Ao mesmo tempo, Karpfen escreve que a Igreja “não serve nem à paixão das massas, nem à paixão do *Führer*, mas intervém em favor da efetivação da sublime lei moral, deixando à posteridade, como um legado, seus fundamentos sagrados”.²⁸

O trecho acima revela a posição contrária de Otto Karpfen ao nacional-socialismo, em referência explícita à figura do “*Führer*”. Seu ponto de vista é sempre histórico e teológico, ao destacar que a atuação do catolicismo político remonta à Idade Média e ao papel exercido pelos papas, pelos reis e pelos senhores feudais, responsáveis pelo processo de cristianização dos povos, assim como pela consolidação da cultura europeia pelos papas durante a Renascença. Hoje, no entanto, os mecanismos de ação do catolicismo político materializam-se nos partidos políticos, instituições apropriadas e típicas do século da democracia.²⁹

Mas isso não quer dizer que haja sempre uma identidade entre o catolicismo político e os partidos políticos católicos. Essa é a questão que ele procura destacar, e o faz examinando o contexto dos partidos católicos na Alemanha que, naquele momento, parecem-lhe pouco católicos. Ao defender a necessidade de uma atuação política dos católicos, Karpfen não deixa de enfatizar a devastação política e religiosa, moral e cultural que tomou conta do povo alemão sob o nazismo: “Devemos lembrar o enorme estrago político e religioso, moral e cultural que o Nacional-socialismo tem infligido ao povo alemão e reconhecer a necessidade de uma política da fé para os católicos”.³⁰

Enquanto representante da igreja católica na vida pública, o catolicismo político tem uma tarefa importante a desempenhar, a começar pela ideia de que “não pode haver separação, para o catolicismo,

27 KARPFFEN, Otto. “*Ende und Glück des politischen Katholizismus*”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 10 fev. 1935, p. 138.

28 “*Die katholische Kirche dient weder den Leidenschaften der Masse noch den Leidenschaften der Führer, sondern tritt in der Welt für die Durchführung des erhabenen Sittengesetzes ein, das ihr von ihrem göttlichen Stifter hinterlassen wurde.*” Ibidem.

29 Ibidem.

30 “*Man muss sich nur der ungeheuren politischen und religiösen, sittlichen und kulturellen Verheerungen erinnern, die der Nationalsozialismus über das deutsche Volk gebracht hat, um die Notwendigkeit einer Politik aus dem Glauben, aus dem katholischen Glauben, sofort einzusehen.*” Ibidem, p. 139.

entre moral pública e moral privada”.³¹ Deste modo, o ideal da Ação Católica inclui lições tanto para a vida pública quanto para a vida privada, tanto para a política interna quanto para a externa, abrangendo também orientações para as políticas sociais e culturais.

Para Karpfen, “esta fé despertará a alma e trará resultados”.³² O fecho do artigo não deixa dúvidas desta verdadeira profissão de fé e de política: “Este é também o significado da palavra do Papa: *Omnia instaurare in Christo*.”³³

Também merece destaque o momento que, em outro artigo, Otto Karpfen examina a situação da Igreja na Alemanha, que vinha sofrendo pressões crescentes do Partido Nazista desde 1933. Para o crítico, primeiro foi a igreja evangélica que se viu rebaixada à condição de subserviência ao Estado e, agora, as coerções do nacional-socialismo direcionam-se à igreja católica, que passa a ser vista como inimiga do Estado. O posicionamento do autor diante do avanço do nacional-socialismo é ainda mais explícito no trecho a seguir, em que ele faz referência à delicada situação política vivida pela Alemanha, com ameaças cada vez maiores aos direitos individuais e à livre expressão: “Roubar fortunas de associações, abafar os jornais, afligir organizações, trancar padres em campos de concentração, insultar bispos, sitiar palácios episcopais, cuspir em crucifixos”.³⁴

Uma das perguntas que buscamos responder diz respeito ao posicionamento de Otto Karpfen em relação à ascensão do nazismo não só na Alemanha, mas principalmente na Áustria. Karpfen critica a apropriação de bens pessoais e propriedades e condena a censura à imprensa e a repressão sofrida pelas associações e grupos diversos da sociedade civil. No entanto, cabe destacar aqui o trecho em que ele se refere ao confinamento de padres em campos de concentração. Portanto, em julho de 1934, quando o artigo foi publicado, Karpfen não só tinha conhecimento da existência de campos como já os criticava, ainda que sua preocupação recaísse exclusivamente sobre os padres e sacerdotes católicos.

As preocupações de Otto Karpfen sobre a situação da igreja católica

³¹ Ibidem, p. 140.

³² “Dieser Glaube, der in den Seelen erweckt wird, muss auch Früchte tragen.” Ibidem.

³³ “Auch das ist ein Sinn des Papstwortes: *Omnia instaurare in Christo*.” Ibidem.

³⁴ “Vereinsvermögen zu stehlen, Zeitungen zu unterdrücken, Vereine zu drangsaliieren, Priester in Konzentrationslager zu sperren, Bischöfe zu beschimpfen, Bischofspalais zu belagern, Kruzifixe zu bespeien.” KARPFFEN, Otto. “Politischer Katholizismus und katholische Aktion”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 01 jul. 1934, p. 15.

na Alemanha refletiam a perturbação provocada pelo regime nazista às igrejas protestante e católica. Como explica Baranowski,

apesar das garantias de Hitler, ao subir ao poder, de que o regime respeitaria a posição social, cultural e legal das igrejas, e o sincero, mas não ortodoxo, cristianismo da liderança nazista, as práticas de militantes locais e regionais do partido minaram tais garantias.³⁵

Cada qual a seu modo, tanto a igreja católica quanto a protestante buscaram reagir ao avanço do nacional-socialismo, mas sem obter sucesso. Houve perseguição e destituição de bispos protestantes nos estados da Baviera e Württemberg, em 1934, no contexto de uma campanha “germânico-cristã para ‘nazificar’ a estrutura da Igreja”, o que acabou gerando uma igreja confessional, simpática ao regime nazista.³⁶

Ao final, o sentimento de Otto Karpfen era de preocupação com aquilo que ele denomina de desgraça que se aproxima. Para ele, a Ação Católica é o instrumento que a Igreja possui para impedir que isso aconteça, ou seja, que o nacional-socialismo “estenda suas garras sobre a Igreja de Roma”. Como escreve em seguida, “o sangue dos mártires é a semente do Reino”.³⁷

A crítica a uma concepção totalitária de Estado e a comparação entre o que se passava na Alemanha e na Áustria em 1934 é o tema central do artigo “A Áustria é um Estado total?”. A preocupação de Karpfen neste artigo está em buscar argumentos de ordem moral e pressupostos religiosos para fundamentar sua luta contra o totalitarismo imposto pelo nacional-socialismo. O autor se pergunta se a nova Áustria é ou não um Estado totalitário e também sobre o que seria, em essência, um Estado totalitário.³⁸

Para responder, o autor desenvolve uma análise histórica sobre a democracia enquanto vontade do povo, que tem seu símbolo maior na Revolução Francesa de 1789, em que o Estado já não pode mais servir aos interesses de poucos, mas precisa olhar para todo o conjunto da sociedade. Como reconhecer a vontade do povo? Muito simples: pelo voto, é a resposta. Mas a questão não se esgota aí. Para o autor, garantir a vontade do povo por meio do voto não é uma operação tão fácil, pois o jogo político faz emergir

³⁵ BARANOWSKI, Shelley. *Império nazista: o imperialismo e o colonialismo alemão de Bismarck a Hitler*. Tradução de Fernanda Brito Brincoletto. São Paulo: Edipro, 2014, p. 216.

³⁶ Ibidem, pp. 216-217.

³⁷ “Das Blut der Märtyrer ist der Same des Reiches”. KARPFFEN, Otto. Op. cit., p. 15.

³⁸ KARPFFEN, Otto. “Ist Österreich ein totaler Staat?”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 16 set. 1934, pp. 7-9.

a pressão dos grupos de interesse e a defesa de diferentes visões de mundo representadas pelos partidos. Aos poucos, estes acabam por defender seus próprios interesses e não mais os daqueles que os elegeram. “O sufrágio universal era a panaceia político-estatal dos democratas e, ao mesmo tempo, o calcanhar de Aquiles da democracia”, escreve.³⁹

O artigo apresenta outra particularidade relacionada à posição política de Otto Karpfen: aqui, ele dirige uma crítica a Goebbels, ministro do Reich, responsável direto pela propaganda nazista e pela diminuição crescente das liberdades civis e de opinião na Alemanha:

Assim afirmou o ministro do Reich, Dr. Goebbels, com consequência significativa, e para gáudio do mundo: ninguém está no seu direito fora do nacional-socialismo. Ou seja, aqueles que não são nacional-socialistas, então não têm razão, ou, se têm, logo são nacional-socialistas.⁴⁰

O tom do artigo é de ironia, e de crítica, como no trecho seguinte, em que ele diz que, diante de tal afirmação, o mundo só pode existir se for nacional-socialista. As consequências são o predomínio de um Estado total, onipresente e onipotente sobre a sociedade: “Assim, não há caminho no mundo senão no nacional-socialismo. Na política, na igreja, na arte, na literatura, na economia, em muitas outras coisas, não há nada que não seja nacional-socialista”.⁴¹

É evidente aqui o tom de ironia com que Otto Karpfen critica o totalitarismo implícito na ideologia do *Reich* alemão. Mesmo quando discute a natureza do Estado total, que implica um movimento sem fim, dialético, que tem início com a revolução, mas que deve ser permanente, ao qual se seguirá uma segunda revolução, Karpfen identifica nesse movimento o caminho do mito na política, que se alimenta da autoglorificação e de um alvo sedutor, que é a revolução. Notemos que Otto Karpfen se distancia tanto do nacional-socialismo, quanto da concepção marxista da história. Nessas duas vertentes políticas, são os valores cristãos que estão sendo esquecidos e, como vimos, para ele a solução passa pelo catolicismo.

³⁹ “Das allgemeine Wahlrecht war die staatspolitische Panazee der Demokraten und zugleich die Achillesferse der Demokratie.” KARPFFEN, Otto. Ibidem, p. 7.

⁴⁰ “So hat Reichsminister Dr. Goebbels mit aner kennenswerter Konsequenz und zum Gaudium der Welt einmal erklärt: “Außer uns Nationalsozialisten hat niemand recht. Denn entweder der andere ist kein Nationalsozialist, dann hat er unrecht, oder er hat recht, dann ist er Nationalsozialist.” Ibidem, p. 8.

⁴¹ “Nun besteht aber die Welt keineswegs aus lauter Nationalsozialisten. Ja, nicht einmal Deutschland besteht aus lauter Nationalsozialisten. In Politik, Kirche, Kunst, Literatur, Wirtschaft gibt es eine ganze Menge Dinge, die nicht nationalsozialistisch sind.” Ibidem.

Este argumento, aliás, parece ser uma das constantes do pensamento de Otto Karpfen em seus artigos europeus. A recusa tanto do nacional-socialismo quanto do bolchevismo dá o tom do artigo “Antibolchevismo autêntico e falso”.⁴²

Nesse texto, cujo mote é uma conferência do Cardeal Innitzer ocorrida no Sophiensaal, em Viena, ele procura deixar claro que a crítica ao bolchevismo se dá em outra dimensão, a partir de sua condição de católico e de austríaco, e busca, assim, uma posição alternativa tanto a Hitler quanto a Stalin. A abertura do artigo parece-nos significativa para compreender seu ponto de vista, explicitamente católico:

Em um momento em que a Áustria sai vitoriosa do perigo bolchevista, o cardeal Innitzer profere, numa reunião no Sophiensaal, palavras memoráveis que ainda hoje merecem ser seguidas. O cardeal disse: “A Igreja condena e rejeita o bolchevismo, mas, nem por isso, apoia ou aprova indistintamente todos os movimentos e métodos dirigidos contra o bolchevismo.”⁴³

A crítica que Otto Karpfen dirige ao bolchevismo não pode ser confundida com a crítica que o nacional-socialismo dirigia ao regime soviético. Seu ponto de vista é distinto e Karpfen tinha plena consciência de que era preciso marcar essa posição. “Podemos ser antibolchevistas, desde que continuemos a ser culturalmente católicos e ocidentais”, escreve em outro trecho.⁴⁴

A dicotomia ocidental-católico é a chave pela qual ele vai examinar as matrizes teóricas do bolchevismo, composto, segundo ele, por três elementos. O primeiro elemento está na antirreligiosidade de seu messianismo social, derivada de uma matriz pan-eslava que, por sua vez, tem origem no messianismo judaico-profético de Marx. Há também um fator europeu no bolchevismo, que traz as marcas de um cristianismo secularizado. E, por fim, Otto Karpfen identifica

⁴² KARPFFEN, Otto. “Echter und falscher Antibolschewismus”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 12 jul. 1936, pp. 658-660.

⁴³ “In einem Zeitpunkt, als in Österreich selbst eine schwere bolschewistische Gefahr, eine weit schwerere als heute, sprach Kardinal Innitzer bei einer Versammlung im Sophiensaal denkwürdige Worte, die auch heute beherzigt zu werden verdienen. Der Kardinal sagte damals: “Die Kirche verdamme und verwerfe wohl den Bolschewismus, aber sie begrüße und billige deswegen noch nicht unterschiedslos alle Bewegungen und Methoden, die sich gegen den Bolschewismus richten.” Ibidem, p. 658.

⁴⁴ “Man kann nämlich Antibolschewist sein, weil man Katholik und abendländischer Kulturmensch bleiben Will.” Ibidem, p. 659.

um elemento alemão no bolchevismo, traduzido pela negação da religiosidade da filosofia de Feuerbach e pela dialética de Hegel. Deste modo, os métodos bolchevistas são, para Karpfen, “não europeus, não ocidentais e não cristãos”.⁴⁵

Por fim, fica a convicção de Otto Karpfen quanto à necessidade de marcar uma posição frente ao bolchevismo, mas também, e principalmente, frente ao nacional-socialismo:

Lutamos contra o bolchevismo em outra dimensão. Como católicos e austríacos, não estamos nem a favor dos capitalistas, nem tampouco dos nacional-socialistas. Buscamos uma posição alternativa: Hitler ou Stalin? *Schuschnigg!*, respondemos com convicção.⁴⁶

Essa declaração, feita em 12 de julho de 1936, dois anos depois do assassinato de Dollfuss, quando a situação política austríaca que conduziria ao Anschluss já atingia seu ponto crítico, era não só uma prova do distanciamento de Otto Karpfen em relação a Hitler, mas, principalmente, um indicativo de que ele permanecia fiel às suas convicções, e leal ao grupo político ao qual estava ligado, sinal de que não acreditava no colapso da Áustria sob o domínio de Hitler.

O argumento de Otto Karpfen se completa ao afirmar que o Estado totalitário é governado por um único partido todo poderoso, uma elite que possui capacidade para gerir os destinos do Estado, de uma nação. Nesse ponto, Karpfen faz menção a uma experiência política na Espanha, em que o conceito de elite deriva do universalismo cristão, representado por um “*Stand-Staat*”, com origens no catolicismo medieval.

O posicionamento crítico de Otto Karpfen diante do nacional-socialismo está presente também no artigo “Sonho e realidade”, de fevereiro de 1935.⁴⁷ Aqui, o jornalista é veemente ao escrever que a essência do nacional-socialismo é o Estado totalitário, que representa uma perigosa secularização dos valores cristãos. Para ele, o Estado totalitário imposto pelo nacional-socialismo não é outra coisa senão uma igreja do ateísmo:

⁴⁵ “Ganz und gar uneuropäisch, unabendländisch und unchristlich aber ist die bolschewistische Methode.” Ibidem, pp. 659-660.

⁴⁶ “Wir bekämpfen den Bolschewismus aus anderen Tiefen heraus. Weder als Kapitalisten noch als Nationalsozialisten, sondern als Katholiken und als Österreicher. Und vor die Alternative gestellt: Hitler oder Stalin? Antworten wir mit Überzeugung: Schuschnigg!” Ibidem, p. 660.

⁴⁷ KARPFFEN, Otto. “Traum und Wirklichkeit”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 24 fev. 1935, pp. 181-183.

A essência do vitorioso nacional-socialismo é o Estado total. E o que temos a temer deste Estado total é a perigosa secularização dos valores cristãos. A concretização deste Estado total passa por uma igreja ateuista, que vem acompanhada de um ateísmo sem consciência.⁴⁸

Karpfen fecha o artigo referindo-se à atmosfera pesada, de opressão, instaurada pelo Terceiro Reich, que turva a visão dos estudiosos. Refere-se aos acontecimentos de 25 de julho de 1934, quando nazistas austríacos invadiram a Prefeitura de Viena, numa tentativa de golpe que resultou na morte de Dollfuss, e alerta para a necessidade de não esquecermos a lição do catolicismo político.⁴⁹

Em 29 de julho de 1934, Otto Karpfen publica um artigo emblemático em dois sentidos: é de extrema importância para o conhecimento de suas posições políticas e igualmente útil para situar o seu lugar de fala. Trata-se de “E agora: revolução conservadora?”.⁵⁰ Nele, Karpfen pergunta sobre o significado da palavra conservador e sua relação com o conceito de revolução.

O jornalista inicia seu artigo referindo-se a Hitler e sua declaração, de 30 de junho daquele ano, de que o Terceiro Reich teria a duração de mil anos. Em seguida, compara os seguidores de Hitler aos velhos conservadores prussianos, questionando se estes teriam condições, quer por sua estrutura, quer por sua linhagem, de assumir um papel de liderança na Alemanha.⁵¹ Em seguida, diz que o nacional-socialismo está, naquele momento, personificado não mais em Hitler, mas em Hermann Göring que, por sua vez, “não permitirá que o poder lhe seja tirado tão facilmente”.⁵² Isso implicará, segundo Karpfen, numa segunda revolução, desta vez de direita, ao que ele propõe discutir no artigo o problema da “Revolução conservadora”.

Para Karpfen, o nacional-socialismo tem atuado com duas palavras de ordem, ambas inspiradas no teórico Moeller van den Bruck. São elas: Terceiro

48 “Das Wesen des siegreichen Nationalsozialismus ist der totale Staat. Von diesem totalen Staat ist aber nichts mehr zu befürchten als eine gefährliche Säkularisation der christlichen Werte. (...) Dieser so verwirklichte totale Staat ist nichts anderes als eine atheistische Kirche, nur mit dem gefährlichen Begleitumstand, daß der Atheismus den Beteiligten nicht zum Bewusstsein kommt.” Ibidem, p. 182.

49 “[...] nur an eine deutsche Lehrkanzel sollte er vorsichtshalber nicht übersiedeln.” Ibidem, p. 183.

50 KARPFFEN, Otto. “Und jetzt: Konservative Revolution?”. *Der Christliche Ständestaat*, Viena, 29 jul. 1934, pp. 12-14.

51 “[...] ob der preußische Konservatismus nach seiner Struktur und seiner Herkunft heute überhaupt noch die Fähigkeit besitzt, eine zukünftige Führerrolle in Deutschland zu übernehmen.” Ibidem, p. 12.

52 “Der Nationalsozialismus, verkörpert nicht mehr in Hitler, sondern in Göring, wird sich die Macht nicht gutwillig entwinden lassen.” Ibidem.

Reich e Revolução conservadora. Ao discorrer sobre o conceito de Terceiro Reich, Karpfen ressalta que se trata de palavra antiquíssima e que, agora, vem sendo usada numa referência ao futuro. Remete a Dostoiévski, Fichte, Lessing, Thomaz Münzer, e outros mais, desfilando extensa genealogia.

O jornalista reconhece que a essência do nacional-socialismo é revolucionária, e de modo algum conservadora. Para ele, importa mais o conceito de conservador e o modo como o nacional-socialismo vinha se apropriando de tal conceito. Como entender isso? Ao associar o nacional-socialismo ao conservadorismo prussiano, ele busca preservar a ligação do conceito de conservadorismo com a tradição do catolicismo ocidental, romano.

O que deseja, no fundo, a Revolução conservadora? Por trás do questionamento sobre as condições de possibilidade de uma revolução conservadora, de uma revolução não conservadora e, também, da existência de um conservadorismo não revolucionário, Karpfen conclui que o nacional-socialismo se anuncia como conservador mas, na verdade, pratica um falso conservadorismo. “O que é, com efeito, ser conservador?”⁵³

Para Karpfen, o conceito de conservadorismo está ligado à consciência do pecado. É isso que ele espera do governante ou do estadista conservador: que reconheça o peso e a importância do pecado.⁵⁴ “Os grandes teóricos do Estado do século XIX, conservadores, como De Maistre e Donoso Cortés, mostram esta ligação entre consciência do pecado e tradicionalismo, que é próprio ao pensamento conservador”, escreve.⁵⁵ Este argumento está na base, também, da crítica ao nacional-socialismo, que recusaria, segundo ele, o conceito cristão de pecado: “Somente aqueles que abraçam o conceito cristão de pecado fazem parte do Ocidente cristão”.⁵⁶

Para o jornalista vienense, esta é a “verdadeira face da revolução nacional-socialista”, cujos métodos de ação, seus instrumentos, servem ao conservadorismo prussiano (numa referência indireta mas inequívoca ao Estado prussiano de Frederico, o Grande, e ao império alemão de Bismarck), derrotado na Primeira Guerra Mundial e pela República de Weimar.⁵⁷ Na

⁵³ “Was ist eigentlich konservativ?”. Ibidem, p. 14.

⁵⁴ “Der konservative Staatsmann weiß um die Sünde.” Ibidem.

⁵⁵ “Die größten konservativen Staatsdenker des 19. Jahrhunderts, ein de Maistre oder Donoso Cortés, weisen diese Verbindung von Sündenbewusstsein und Traditionalismus auf, die dem konservativen Denken eigen ist.” Ibidem.

⁵⁶ “Nur wer aber diesen christlichen Sündenbegriff annimmt, gehört zum christlichen Abendland.” Ibidem.

⁵⁷ “Dies ist das wahre Gesicht der nationalsozialistischen Revolution. [...] Dies ist das Wesen des Instrumen-

sequência do artigo, Karpfen questiona o próprio significado de Weimar, e a falsa oposição entre esta e Potsdam: “A política na Alemanha dos últimos quinze anos tem sido interpretada como uma luta entre Potsdam e Weimar. Mas o que foi, afinal, Weimar?”. Para ele, a “verdadeira luta de Potsdam não é contra Weimar, mas sim contra Colônia e Munique”.⁵⁸

Decorre daí a antiga rivalidade entre Prússia e Áustria, cuja história remonta aos tempos de Maria Tereza e à derrota da Áustria para a Prússia em 1866, rivalidade esta que opõe o conservadorismo prussiano ao catolicismo político:

O catolicismo político, com a força da sua ideia de Reich católico, opõe-se a Potsdam, e esta ligação significa a oposição entre a ideia de Estado de direito e Estado de violência. Todos os grandes pensadores e autores do catolicismo político alemão, de Görres até Windhorst, reconhecem a tarefa política dos católicos alemães, que são minoria, que veem sentido na luta dos partidos confessionais contra o onipotente Estado de violência. Esta era a luta da ideia de Reich contra todo prussianismo.⁵⁹

Otto Karpfen jamais abandonou esta interpretação histórica, que coloca em disputa adversários com visões de mundo inconciliáveis. Nesse sentido, ser verdadeiramente conservador é reconhecer e aceitar o conceito cristão de pecado que caracteriza a cristandade a partir da ideia de Reich católico. Esta é a matriz histórica e teológica que recobre a crítica de Otto Karpfen tanto ao prussianismo quanto ao nacional-socialismo. Assim, o autêntico conservadorismo alemão não tem sua sede em Potsdam. Ele mudou-se para Colônia e Munique. E, hoje, escreve Karpfen, “está em Viena e, por fim, em Roma”.⁶⁰

HERDEIRO INTELECTUAL DA CASA DA ÁUSTRIA

Com efeito, a experiência da Primeira Guerra Mundial trouxe para os

tes, dessen sich die preußischen Konservativen bedient haben, um den Staat von Weimar zu stürzen.” Ibidem.

58 “Der wahre Kampf von Potsdam ging nicht gegen Weimar, sondern gegen Köln und München.” Ibidem.

59 “Gegen Potsdam hat der politische Katholizismus mit aller Kraft die katholische Reichsidee verfochten, die in diesem Zusammenhang nichts anderes war als die Idee des Rechtsstaates gegen die Idee des Gewaltstaates. Alle großen Denker und Täter des deutschen politischen Katholizismus, von Görres bis Windhorst, erkannten die politische Aufgabe der deutschen Katholiken in ihrer Minderheitsstellung begründet, sahen den Sinn der konfessionellen Partei im Kampf gegen die gewalttätige Staatsomnipotenz. Es war der Kampf der Reichsidee gegen jenes Preußische.” Ibidem.

60 “Der wahre deutsche Konservatismus ist nicht in Potsdam zu Hause. Er ist aus Köln und München verjagt worden, er ist emigriert. Sein legitimer Sitz ist heute in Wien; und letzten Endes in Rom.” Ibidem.

austriacos um rompimento drástico e traumático com o passado. Os Habsburgo detinham o poder há tanto tempo que sua presença se fundira com a própria identidade do país. Quando desabou a guerra, e principalmente quando esta terminou, reduzindo a geografia do império a cerca de 40% do que era, seus súditos viram o até então inabalável poder aristocrático ruir como um castelo de cartas. A sensação de perda foi ainda maior para as gerações de vienenses nascidas na última década do século XIX e na primeira década do século XX. Otto Karpfen pertenceu à geração que chegou à juventude e à idade adulta em meio aos escombros da guerra e ao turbulento nascimento da república. Na antológica frase de Karl Kraus, a Viena do jovem Karpfen assemelhava-se a um “campo de provas para a destruição do mundo”.⁶¹

A Áustria posterior à Primeira Guerra era como uma majestosa árvore sem membros, pálida sombra daquilo que já fora. Além da escassez de produtos básicos e da crise monetária, a Pequena Áustria não podia mais contar com as fábricas, minas e os campos de petróleo que tinham até então produzido a riqueza do país, a maioria situada nos países anexados após a guerra. O debate sobre a independência da Áustria deu-se, portanto, num contexto de crise econômico-política.

Com a Primeira Guerra desapareceu toda a autoridade política e administrativa que caracterizava a monarquia dual dos Habsburgo. Uma autocracia construída pelo imperador Francisco nos anos 1800 e mantida pelas políticas centralizadoras de Metternich e Francisco José, mas que no final do século XIX experimentava um lento e silencioso processo de destruição. Todo o monumental território que se estendia do Vale do Pó aos Cárpatos, criado há trezentos anos com a finalidade de proteger a Europa dos turcos, agora estava reduzido à Pequena Áustria. Aos vienenses, portanto, impunha-se a tarefa de construir o futuro de uma sociedade que, no alvorecer do século, precisava superar o complexo de redução e enfrentar sua nova realidade geopolítica.

A missão europeia desempenhada pela Áustria e defendida por Karpfen em seu livro de 1935, *A missão europeia da Áustria*, corresponde exatamente a esta vocação geopolítica da Áustria para defender a Europa dos turcos. O equilíbrio europeu, garantido pela presença de um Estado forte e independente como fora a Áustria

⁶¹ JANIK, Allan; TOULMIN, Stephen. *A Viena de Wittgenstein*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1991, p. 67.

até a Primeira Guerra, era outro aspecto dessa “missão”. Para essa vocação política não faltavam exemplos. Como relata o historiador Paul Hofmann, “a geografia condenou Viena a ser o baluarte do Ocidente contra os turcos”:

O império otomano, herdeiro do dinamismo do Islã, avançou em todas as direções durante centenas de anos – no mar Mediterrâneo, pelas expedições quase anuais da sua frota, no Oriente Médio, em direção à Ásia e à Europa. O Danúbio e as planícies da Hungria induziram os sultões a montar expedições militares dirigidas para o noroeste. Budapeste esteve século e meio nas mãos dos turcos, administrada por um vizir. Se Viena tivesse caído, a Boêmia e a Baviera teriam sido os próximos objetivos dos otomanos.⁶²

Durante séculos, os Habsburgo estabeleceram uma fronteira militar nos Balcãs. Uma função histórica de barricada, linha divisória entre Ocidente e Oriente, entre a cristandade e o Islã. Para uma parcela significativa da opinião pública austríaca, a ideia de missão permanecia viva ainda nas primeiras décadas do século xx. Alguns intelectuais vienenses das gerações anteriores e contemporâneos de Karpfen, como Seipel, Vogelsang, Funder e Dollfuss, acreditavam que sua cidade tinha um desígnio especial a cumprir na Europa no campo da política, das artes e da cultura, e isso servia para amenizar o sentimento de estarem vivendo num império decadente e à beira do abismo.

Otto Karpfen se considerava herdeiro dessa função histórica do Império Habsburgo e por isso opunha-se à união com a Alemanha. A luta pela independência da Áustria foi a grande questão de seu tempo e, quando isso não foi mais possível, viu seu mundo ruir. Como filho da Casa da Áustria, Karpfen adotou um conceito de missão europeia derivado de um ideal habsburgo e incorporou a visão de mundo de uma aristocracia já fossilizada, coerente, aliás, com a linhagem conservadora do Império Habsburgo.

Na década de 1930, Karpfen engajou-se na construção das instituições e na viabilização de iniciativas sociais necessárias para dar fôlego e sustentação à nova realidade do país. Havia todo um trabalho em prol da sociedade a ser feito na Pequena Áustria, e ele empenhou-se nessa

⁶² HOFMANN, Paul. *Os vienenses: esplendor, decadência e exílio*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, pp. 62-63.

missão. Como relatam Janik e Toulmin, o colapso das velhas dinastias da Europa central havia deixado um novo mundo para ser construído: “Havia uma Constituição a elaborar, um parlamento a organizar, um sistema efetivo de democracia social a pôr em funcionamento. Era um tempo para construção e para olhar em frente”.⁶³

Talvez por isso o jovem Karpfen tenha trocado a ciência pela carreira de publicista. Quando, a partir dos artigos publicados em *Der Christliche Ständestaat*, Otto Karpfen se propôs a fazer um diagnóstico da situação política da Áustria no contexto europeu posterior à Primeira Guerra, ele o fez a partir de um ponto de vista que era, ao mesmo tempo, político, filosófico, histórico e moral, orientado para a preservação da herança intelectual e religiosa da civilização da casa da Áustria.

Assim, os dois principais elementos do pensamento de Otto Karpfen em Viena eram o clericalismo político e o conceito de missão histórica a ser desempenhada pela Áustria na Europa. Ora, essas duas ideias – o catolicismo e a missão geopolítica – derivam da visão habsburga de mundo. Tanto a vertente eclesiástica quanto a política refletem visões essencialmente conservadoras da sociedade. Ao se engajar na renovação católica, ele desejava resgatar, ainda que em novo tom e envolvendo outros protagonistas, a velha vocação habsburga de controlar os destinos do império, então enfraquecido militar e geograficamente.

Otto Karpfen manteve-se fiel à filosofia da casa da Áustria ao defender a visão supranacional do *Reich*. Sua visão conservadora da política fica evidente a partir da leitura dos artigos publicados em *Der Christliche Ständestaat*, assim como em seu livro *Österreichs europäische Sendung*. O conservadorismo político e clerical de Karpfen em sua fase austríaca deriva dessa concepção de mundo católica ligada à dinastia da Casa da Áustria, à qual ele se manteve ligado como um herdeiro intelectual.

A LUTA PERDIDA DE KARPFEN CONTRA HITLER

Os dois artigos a seguir, selecionados do semanário vienense *Der Christliche Ständestaat*, representam uma mostra da intensa atividade político-ideológica do jovem Otto Maria Karpfen na Áustria da década de 1930. Os textos, parte de um conjunto mais amplo de artigos assinados quase em sua totalidade com o pseudônimo Otto Maria Fidelis, expõem as convicções políticas e religiosas de seu autor: o catolicismo político e

⁶³ JANIK, Allan; TOULMIN, Stephen. Op. cit., pp. 288-293.

a defesa da independência da Áustria diante de uma Alemanha em que o nacional-socialismo de Hitler já se tornara hegemônico.

A localização desses artigos teve início em 2011, durante intensa pesquisa em diferentes acervos de instituições austríacas, como a Biblioteca da Prefeitura de Viena, a Biblioteca Nacional Austríaca, o Arquivo da Universidade de Viena e na coleção de periódicos do Israelitische Kultusgemeinde, encravado no centro velho da capital austríaca. Igualmente importante para o estudo dos ensaios europeus de Otto Maria Karpfen foi o período em que, em outubro de 2015, pude pesquisar no extraordinário acervo da Biblioteca Estadual da Baviera, em Munique, atividade de pesquisa que contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

À medida que esses e vários outros textos iam sendo localizados nas páginas amareladas de jornais já esquecidos, mais e mais fazia sentido o silêncio autoimposto por Karpfen no Brasil a respeito de sua vida e trajetória europeias, começando pela adoção de um novo sobrenome, Carpeaux. Não era para menos: os artigos que publicou em *Der Christliche Ständestaat* estão longe da objetividade jornalística. São textos de opinião escritos por um publicista engajado, que não temia expor suas convicções. Há críticas explícitas ao nacional-socialismo, ao Terceiro Reich, à situação da igreja católica na Alemanha e até aos campos de concentração.

Os dois artigos são inéditos em livro e desconhecidos, tanto no Brasil quanto em seu próprio país de origem, onde o destino lhe reservou nada mais do que o silêncio, já que não há estudos na Áustria sobre este judeu convertido ao catolicismo e vinculado a forças políticas que, em alguma medida, ainda são responsabilizadas por terem facilitado o caminho de Hitler. A tradução dos dois artigos mostra o contrário, ainda que o jovem Karpfen tenha perdido sua batalha contra Hitler.

MAURO SOUZA VENTURA é doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP, professor livre-docente da Unesp e autor dos livros *De Karpfen a Carpeaux* (Topbooks, 2002) e *A crítica e o campo do jornalismo* (Ed. Unesp, 2015).

TRADUZINDO KARPFFEN

Traduzir os textos de Karpfen partiu de uma experiência de estranhamento, especialmente devido à leitura prévia de Carpeaux. Sua face política e religiosa pré-exílio difere da ideia que se pode ter do intelectual de origem judaica e exilado, mediador da tradição europeia de expressão alemã lido nas faculdades de Letras.

Os ensaios apresentam uma articulação contrastiva e dinâmica. Para precisar cada termo em jogo, o autor não economiza orações subordinadas entremeadas no desenvolvimento das suas ideias. É demonstrada a erudição do “Dr. Fidelis” pela presença de inscrições latinas, citadas sem grifos e, talvez, familiares aos leitores do jornal católico. O uso de expressões populares, algumas pejorativas, junto das latinas produz um efeito irônico nos textos, ainda que Karpfen indique calma para apontar a tragicidade do momento histórico e a necessidade de resistência moral e sacrificial.

Exemplificando o peso da escolha vocabular do autor, a palavra alemã Reich, presente nos dois textos, possui uma ambiguidade fundamental na estrutura argumentativa, cuja grafia diferenciamos segundo o contexto de cada frase: “reino” quanto à ideia de organização nacional, “Reino”, no sentido religioso, e por fim “Reich”, representação do Estado alemão no discurso propagandístico nazista. Justificamos também duas questões terminológicas do ensaio “Catolicismo político e Ação Católica”: utilizamos a expressão “apostolado leigo” em vez de “laico”, optando pelo termo tradicional católico que se refere ao exercício da fé pelos indivíduos sem ordenação eclesiástica em suas funções sociais e profissionais (no caso, políticas); e a expressão “‘capataz’ cristão”, por sua vez, foi obviamente adaptada do contexto histórico escravocrata brasileiro para “*christliche[r] Zuchtmeister*”, que seria um disciplinador severo, alguém que determina e controla o comportamento e a produção dos subalternos por meio do temor à punição, pois Karpfen alerta contra a dominação violenta dos austríacos pela Alemanha de Hitler.

Valendo-se de suas convicções e dos instrumentos retóricos de que dispunha à época, Karpfen ensaia respostas para questões que se desdobravam em tempo real. Sendo assim, seu texto não é estanque e tampouco se pretende essa tradução. Agradeço aos professores Marcus Mazzari e Helmut Galle pela gentileza com que leram e comentaram as traduções, bem como ao professor Mauro Ventura pela confiança e por nos proporcionar esses textos desafiadores.

MARIANA HOLMS é doutoranda em Literatura Alemã pela FFLCH-USP.

Dr. Otto Maria Fidelis

Der Christliche Ständestaat, julho de 1934

Algo que tem sido alvo de pancadas do nosso tempo é o catolicismo político. Se hoje um Richard Bie⁶⁴ reúne todas as heresias contra ele ou um Heinrich Wolf⁶⁵ o compara aos sábios de Sião ou se qualquer chefe distrital nazista testa nele a sua “oratória”; é ele, o catolicismo político, culpado por tudo. Por enquanto e definitivamente hoje, o catolicismo político na Alemanha está, em todo caso, morto. Mas o que foi ele na verdade?

Nada além de uma forma de apostolado leigo; um dos modos possíveis como a Igreja instrui os leigos, para poder praticar mais vivamente o seu apostolado no mundo. Hoje essa forma de atividade católica na vida pública está em frangalhos. Antes, porém, que isso acontecesse, o apostolado leigo tomou uma nova forma: a *Ação Católica*.

A Ação Católica não deve ser um instrumento político e de modo algum deseja sê-lo. Ela é um instrumento que, com a ajuda da Igreja, que, aliás, não é apenas uma religião, mas um ensinamento de ordem moral, nos ajuda na interiorização daqueles princípios religiosos e morais que nos guiam na vida pública e na vida privada.

Omnia instaurare in Christo! Se, nesta frase, uma palavra merece ênfase especial, é o termo *omnia*. Tudo, mas realmente tudo no mundo deve ser fundado em Cristo, no Rei. Toda a nossa vida, a privada e a pública. A Igreja abomina qualquer maquiavelismo; ela não admite separação entre a moral privada e a estatal. Ela não nos permite aprovar na vida pública o que não poderíamos defender na vida privada com nossa decisão consciente. Qualquer apostasia desse princípio seria apostasia e declínio na heresia de Lutero, que mantém seus dedos ansiosos longe do Estado mundano como “um aborto do pecado e do diabo”, para, no entanto, jogar em nosso pescoço o laço da submissão às autoridades e, assim, sermos entregues ao Estado diabólico como a um “capataz cristão”.

Para nós, católicos, o Estado é uma realidade de ordem natural nada

⁶⁴ N.T. Pseudônimo de Richard Biedrzyński (1901-1969), historiador e teórico da arte alemão, autor de inúmeros trabalhos, entre eles *Deutsche Malerei der Gegenwart* e *Das Katholische Europa*.

⁶⁵ N.T. Heinrich Wolf (1858-1942), historiador alemão e ideólogo do nacional-socialismo, foi influenciado pelas teorias raciais de Arthur de Gobineau. Autor de diversos textos antissemitas, alguns dos quais foram adotados durante o período nazista na Alemanha.

diabólica. Nós não tememos a vida pública e desejamos que isso não seja relegado a um cemitério, onde os diversos chefes distritais nazistas atuam como coveiros do espírito alemão e da moral católica. Ainda que se queira mil vezes destruir os instrumentos do nosso intento político – nós nos renovaremos sempre –, *nós não tiraremos as mãos da vida pública*. O Estado *não deve* ser demoníaco, mas ele *pode se tornar*. E aqui nos damos conta de que é justamente a nossa tarefa católica ajudar o Estado a se libertar dessa condição diabólica e a “instaurar em Cristo” a sua existência, recebida pela graça de Deus.

Essa tarefa jamais foi tão urgente quanto hoje, quando o diabo, o inimigo, “anda ao redor como um leão, rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pd 5,8). Hoje, o mundo se parece à velha imagem inaciana do campo de batalha do exército de Cristo e do exército de Satanás. O católico deveria saber onde é seu lugar nessa luta. Mas nem todos os católicos o sabem.

Sempre que alguém quiser ser um bom católico, deve sê-lo tanto na vida pública quanto na vida privada. Pio X, na encíclica “*Pascendi dominici gregis*”, de 8 de setembro de 1907, chamou de um engano modernista a “separação entre o católico e o cidadão”. Há católicos, católicos *praticantes*, que parecem *não* saber disso, e parece que um dos mais altos, digamos, o segundo mais alto funcionário do Reich alemão⁶⁶ caiu nesse engano modernista.

Dizer abertamente aqui essa verdade desagradável só é possível porque nós vivemos em um país cujos estadistas responsáveis não apenas são católicos praticantes, como não são modernistas. Ao contrário de outros países, na Áustria, a Ação Católica pode se desdobrar livremente, *pois o desenvolvimento político atual não possui*, como se supõe, muitas vezes, no exterior, traços *fascistas*. Não se pode entender direito as circunstâncias na Áustria, quando não se sabe que nossos estadistas responsáveis sustentam a consciência de uma missão católica e estão sendo sustentados por esta consciência. Por isso, o desenvolvimento das nossas circunstâncias políticas tem um traço teocrático pronunciado, e, se nós considerarmos seriamente o ideal da Ação Católica, nós precisamos afirmar de coração esse traço teocrático. Só essa direção

⁶⁶ N.T. Deve se referir a Franz von Papen, político católico que fora chanceler da República de Weimar de junho a novembro de 1932. Ocupou o cargo de vice-chanceler de Hitler até a “noite das longas facas” (de 30 de junho a 1 de julho de 1934), quando foram assassinados conservadores concorrentes do líder nazista e demais líderes da SA. Ao renunciar seu posto, foi enviado a Viena como embaixador até 1938.

pode salvar, política e moralmente, o nosso Estado e o nosso povo, salvar também do perigo terrível do *cesaropapismo*, que ergue sua cabeça do outro lado de nossa fronteira.

Esse cesaropapismo, esse czarismo centro-europeu, mostra o destino da gente, quando se abre mão facilmente do catolicismo político e não se promove a Ação Católica como sua sucessora legítima, mas se deseja rebaixá-la a uma agremiação vulgar observada com desconfiança pelo estado.

Nós sabemos bem que a igreja católica, como instituição divina, é imperecível e indestrutível. Mas enfrentemos uma vez, com calma e sem medo, a verdade amarga: *a igreja católica na Alemanha* permanece também do mesmo modo? Se o nacional-socialismo consegue, algo que pouco se duvida, submeter com violência a igreja evangélica ao seu serviço, então haverá duas igrejas na Alemanha: uma que é estatal e nacional-socialista, e uma outra que, segundo as leis da lógica, será vista como diferente, a saber, como inimiga do Estado e do povo. Então, ninguém se contentará mais com isso: roubar fortunas de associações, abafar os jornais, afligir organizações, trancar padres em campos de concentração, insultar bispos, sitiar palácios episcopais, cuspir em crucifixos. Então se mudará o tom completamente. Já hoje, quando se lê que, em uma aldeia perto de Würzburg, uma Primeira Comunhão não pôde acontecer, porque o pároco fora levado a um campo de concentração, já hoje, não se inveja o padre a quem o vice-chanceler do reino alemão confessa seus pecados, os remissíveis e os outros. Poderia, contudo, chegar o dia em que até mesmo os senhores tão importantes na Alemanha se constrangessem, quando quiserem manifestar sua confissão católica. Poderia chegar o dia em que a igreja católica na Alemanha se torne a “igreja no deserto” e comece a tentativa de reverter a *Contrarreforma*, aquela suposta desgraça que, na verdade, era a última oportunidade da história alemã.

O instrumento do catolicismo político nos foi tirado das mãos. O instrumento da Ação Católica ainda está em nosso poder. Nós precisamos desejar usá-la para impedir uma desgraça ainda maior: que o maçom ocidental de barba e o nacional-socialista alemão de bigode estendam as mãos na luta contra Roma; e da cultura do Ocidente nada mais reste que um punhado de missionários, que corajosamente levam a palavra do Cristo dos Evangelhos a outros continentes.

A Ação Católica! Pode-se entendê-la também de forma totalmente diferente! Puramente religiosa. Mas o que ela deve fazer então? Deve

nos tornar espiritualmente maduros para uma luta que virá ao final, para uma luta em que “a coisa chegará aos triários”,⁶⁷ para uma luta em cujo fim – digamos isso calmamente – também pode estar o *martírio*. *O sangue dos mártires é a semente do Reino*; um Reino, diante do qual a petulância dos césaes empalideceu já uma vez.

“SACRUM IMPERIUM”

Dr. M. Fidelis

Der Christliche Ständestaat, 26 de agosto de 1934

A pergunta sobre a essência do nacional-socialismo tem recebido, na maioria das vezes, respostas de cunho político, histórico e sociológico. Podemos nós, que acreditamos em um *sentido religioso* na história, contentar-nos com uma resposta positivista? E, além do mais, será suficiente caracterizar o nacional-socialismo como uma heresia e, por extensão, este movimento, como sendo o ponto de convergência das heresias de todos os tempos, sintetizado na pessoa de *um* homem?

Quem é este homem? Eles colocam sua imagem em altares, comparam-no com o fundador da sua igreja, até com o salvador do mundo. Eles o tomam pelo Messias. Do seu Messias, eles esperam consequentemente o Reino de Deus na Terra, o Paraíso. E porque ele lhes prometeu o Paraíso, o seguem.

O nacional-socialismo já foi chamado muitas vezes de um movimento messiânico. Até nos pormenores, ele macaqueia a consciência da predestinação e a fé no Messias do – *sit venia verbo* – judaísmo. Mas a comparação barata basta para *tornar risível* o nacional-socialismo; ela ainda não basta para *julgá-lo*.

Existe uma crença messiânica legítima e uma ilegítima. Esta uma chama-se *Utopia*, a outra se chama *Apocalipse*.

O messianismo apocalíptico sabe que o destino da humanidade jaz nas mãos de Deus; que o Reino milenar vem no final dos tempos e significa a Redenção da nossa espécie pelo Salvador.

⁶⁷ N.T. Expressão de origem latina (“*res ad triarios venit*”), significa que uma batalha chegou em uma situação crítica e seria necessário convocar os triários, legião de elite do exército romano mais qualificada e a última a entrar em combate.

O messianismo utópico, caricatura secularizada e mundanizada da fé, supõe que a humanidade construa ela mesma seu destino; que o paraíso sobre a Terra possa ser edificado amanhã, depois de amanhã, pela própria força humana; *que nós possamos salvar a nós mesmos pelo poder* de um gênio, de um Super-homem, que se levanta do nosso meio.

Por isso, a Utopia, porte-se ela de forma liberal-humanitária e jure pela paz no mundo e pela conciliação social, queira ela forçar o paraíso da sociedade sem classes com o socialismo, prometa ela um paraíso eugênico de pureza racial com o nacional-socialismo; por isso, a Utopia é a heresia de todas as heresias. Ela não é heterosotérica, mas autosotérica. *No lugar da Redenção pelo Salvador, ela coloca a Autorrendição dos homens.*

A Utopia é a tentação mais terrível que se aproxima da humanidade e à qual ela sucumbe. É aquela tentação, com a qual Satanás tentara o Senhor no deserto; negar o Pão da Vida ao homem e lhe prometer em troca o domínio do mundo. Essa é aquela tentação demoníaca que Dostoiévski reconheceu como a essência do socialismo, e que hoje configura a semelhança terrível do nacional-socialismo com o bolchevismo. Eles desdenham o Reino de Deus e querem forçar o Paraíso. Seu messias os conduz ao Terceiro Reich.

A ideia do Terceiro Reich não é de hoje nem de ontem. Nem o intelectual desenraizado Moeller van den Bruck nem o jovem deformador da juventude Krieck⁶⁸ poderiam arrogar para si a sua autoria. A ideia remonta até aquele século XIII, que preparava a separação entre a sociedade mundana e a Igreja. Desde então, desde o tempo dos joaquimitas, a ideia do Terceiro Reich está lá, exercendo sua atração mágica sobre os hereges de todos os tempos e povos. Ela passeia como sombra ao lado da história da Igreja, é um retrocesso ao judaísmo e à sua crença em um Messias vindouro, enquanto o Messias há muito tempo morreu na cruz por nós e, no terceiro dia, ressuscitou. *A ideia do Terceiro Reich é a sombra do Anticristo.*

Essa ideia é o que se solidifica, ao final, em uma *Anti-igreja*. Ergue-se uma contrateoria em que a nação ocupa o lugar da igreja, o inimigo original toma o lugar do pecado original, a raça, o lugar do *corpus*

⁶⁸ N.T. Ernst Krieck (1882-1947), professor e escritor alemão que difundiu a ideia de uma reforma pedagógica segundo a ideologia nazista. Autodidata, sem acesso à educação formal, Krieck recebeu o título de doutor *honoris causa* pelo livro *Philosophie der Erziehung* (Filosofia da educação) e foi o primeiro nazista a assumir o cargo de reitor de uma universidade.

mysticum de Cristo, o mito, o lugar da Revelação. O *seu* reino é deste mundo. Soloviov profetizou a nós a sua vinda.⁶⁹ Spengler pressentiu algo do caráter apocalíptico do nosso tempo. Mas o *diabo* esse povinho nunca presente mesmo.⁷⁰ Ora, ele nos pegou a nós, austríacos, pelo pescoço por um momento. Nós estamos cientes.

O horizonte da Europa está coberto de nuvens pesadas. Uma guerra pode significar o fim do mundo e faz enregelar qualquer um que ainda continua a sorrir com as visões apocalípticas. Quem sabe, de fato, qual papel foi destinado a nós? Nós precisamos estar vigilantes. O que nós teremos que fazer nessa hora de peripécias medonhas?

O que nós temos que fazer? Pascal diz uma vez “*Jésus sera en agonie jusqu’à la fin du monde; il ne faut pas dormir pendant ce temps là*”. Nós não podemos estar tranquilos. Não dormir. Estar acordados e preparados. Orar e invocar os santos de Deus, especialmente a Santa Joana de Orleans, que não conhecia medo humano, que conhecia sua vocação para concretizar também na vida deste mundo os princípios do cristianismo e as doutrinas da Igreja. Ela poderia muito bem ser a nossa padroeira nessa hora, a Sta. Joana, a santa da Ação Católica, quando nós nos preparamos, “*Austriam instaurare in Christo*”, e o tentador está perto. A intercessão de Sta. Joana poderia nos ser útil neste momento, pois nós nos armamos para a Ação Católica e austríaca.

*Como católicos, nós precisamos nos fortalecer contra a tentação de dessacralizar a ideia sagrada do Reino e confundir o Sacrum Imperium com um Estado de violência despótico, que se chama parodisticamente de “Reich”.*⁷¹

Como austríacos, devemos empunhar, além de nossas fronteiras, a bandeira que caiu das mãos dos cansados defensores da verdadeira ideia do Reino. Pois, até o nosso tempo, a verdadeira ideia do Reino não havia se restringido à Áustria. Ela vive, como herança santa, no povo católico alemão.

⁶⁹ O filósofo da religião russo Soloviov profetizava nas suas “Três conversas” que o Anticristo se impõe por meio de um livro de sucesso mundial, cega os sentidos da massa com fogos de artifícios primorosos, não poupa as pessoas, mas promulga leis protetoras dos animais (cf. “Lei do Reich contra a vivisseção”), promete o paraíso aos pobres, sem afligir os ricos, e deseja ao final oprimir a Igreja.

⁷⁰ N.T. Karpfen faz uma citação indireta do *Fausto* de Goethe, adaptando uma fala de Mefistófeles na cena “Na Taberna de Auerbach em Leipzig”: “*Den Teufel spürt das Völkchen nie*”. Cf. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto: uma tragédia – Primeira parte*. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2004. pp. 211-212.

⁷¹ Prof. Dr. Hans Eibl em Viena escreve ainda em agosto de 1934 (!) em um jornal *austríaco* (?) “*Winkelried*” sobre o “Conceito geral do Terceiro Reich”.

O ano de 1866 foi um ano fatal. Não só porque então – não em 1806⁷² – o Sacro Império Romano-Germânico se tornou escombros, mas porque, naquele tempo, Bismarck levou cativo o restante do reino austríaco por meio de preservação hipócrita e de aliança egoísta. Desde 1918, nós somos libertos dessas algemas. Desde esse ano, a tarefa jazia pronta para nós. Um Seipel⁷³ a reconheceu. Dollfuss⁷⁴ podia se apoderar da bandeira do Reino. Ele está morto. E agora se aproxima de nós o mensageiro⁷⁵ que deve fazer-nos renegar a nossa tarefa. Essa é verdadeiramente uma hora apocalíptica da alemanidade.

Não se trata somente da decisão de 1934. Uma revisão da história de dimensão secular quer se traduzir em fatos. Trata-se da revisão das decisões de 1866, de 1648, de 1517. Sim, isso remonta, proferimos isso com tranquilidade, ao *dia de Canossa*.⁷⁶ Certamente, para lá um Bismarck não desejava ir. *Porque em Canossa – união espiritual do Ocidente ou rebelião herética – separaram-se os espíritos*. Nós nos encontramos hoje nesta virada dos tempos. Não nos é incumbido um ato revolucionário, mas uma *revisão, um ato conservador*. Portanto não temos de nos precaver daquilo que forma a chancela das revoluções, o radicalismo. *Na nossa ação austríaca e católica nós não podemos ser radicais o bastante*, católicos radicais e austríacos radicais. O perigo da revisão jaz muito mais, como todos os perigos do conservadorismo, na reação: no *retrocesso*. E esse retrocesso a hábitos de pensar e agir anacrônicas e reconhecidamente perigosas é o risco de alguns entre nós recaírem nessas hábitos pela delegação do Senhor von Papen para Viena. No lugar de uma figuração católica e austríaca do Reino, que é nossa ideia,

72 Srbik demonstrou que os acontecimentos de 1806 certamente não significaram a dissolução do reino, mas apenas uma vacância da sede [do trono do imperador]. Somente em 1866, deu-se a usurpação do poder do império por outros poderes.

73 N.T. Ignaz Seipel (1876-1932), teólogo e político católico, foi chanceler austríaco de 1922 a 1924 e de 1926 a 1929. Membro do Partido Social-Cristão (cs), partido católico conservador, foi um forte representante do autrofascismo, combatia social-democratas e marxistas ao longo de sua carreira, apoiou a formação de grupos de extrema-direita e defendeu a militarização das milícias.

74 N.T. Engelbert Dollfuss (1892-1934), político do Partido Social-Cristão Austríaco, chanceler federal entre 1932 e 1934. Em 25 de julho de 1934, Dollfuss foi assassinado em uma tentativa de golpe articulado pelos nazistas.

75 N.T. O mensageiro seria, novamente, Franz von Papen, enviado por Hitler em 1934 para Viena. Nominalmente católico, atuou como instrumento fiel do líder nazista e ficou marcado por seu caráter dúbio.

76 N.T. Refere-se ao Caminho de Canossa, penitência à qual o rei Henrique IV do Sacro Império Romano-Germânico se submeteu em súplica pelo perdão do Papa Gregório VII, pois este o havia excomungado devido ao enfrentamento da autoridade da Igreja pelo Estado na Questão das Investiduras. O mesmo evento é citado no discurso de Otto von Bismarck em 14 de maio de 1872 no Parlamento alemão: “*nach Canossa gehen wir nicht*” (“a Canossa, nós não iremos”). Bismarck manifestou assim a autonomia da Alemanha com relação à igreja católica, acirrando também o conflito cultural entre a Alemanha luterana e a Áustria católica.

aqueles sonham com uma caricatura da ideia do reino formada por igreja estatal e nação alemã. Uma caricatura desse tipo tornou-se real além de nossas fronteiras, e precisamente sob o conhecimento e a cumplicidade do Senhor v. Papen.

As coisas entre nós, porém, estão diferentes do que no Reich alemão. Enquanto ao Senhor v. Papen, em 30 de junho, a vida foi ofertada de modo clemente, nosso chanceler teve de padecer uma morte de agonia terrível. Um sinal de sangue nos imunizou contra a tentação. E a todos aqueles neste país que, vacilantes e inseguros, não podem superar a nostalgia pelo Reich e as vantagens do nacional-socialismo, deve-se refutar com a seguinte antítese: o chanceler Dr. Dollfuss está morto – e o antigo vice-chanceler, enviado a Viena, v. Papen vive.

A morte sacrificial do chanceler Dollfuss foi um sinal apocalíptico em uma época apocalíptica. Do sangue deste mártir brotará a semente do Reino de Deus, que nós temos que defender contra o Reino do Anticristo.

Traduções de Mariana Holms